

0350

Ives Gandra da Silva Martins

É INÚTIL DIZER...

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
Professor Emérito das Universidades Mackenzie e Paulista e da Escola de Comando
e Estado Maior do Exército, Presidente da Academia Internacional de Direito e
Economia e do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado
de S.Paulo.

É inútil dizer que o "Custo Brasil", mais do que qualquer outro fator, está descompassando a balança comercial, tirando competitividade a nossos produtos e serviços.

É inútil dizer que grande parte do aumento das exportações, através de operações "draw-back", em verdade, se retirado o nível de componentes importados, levaria o país a um "deficit" na balança comercial consideravelmente maior.

É inútil dizer que o câmbio defasado, os juros mais elevados no mercado interno e a carga interna cumulativa que incide, em sua maior parte, sobre o produto brasileiro e não sobre o importado, são fatores que estão levando a um tenue crescimento do PIB, absolutamente insuficiente para absorver a mão-de-obra brasileira.

É inútil dizer que a globalização da Economia, aceita sem mecanismos de compensação, termina por beneficiar os países mais ricos e com maior tecnologia, sobre os países em desenvolvimento, e que a abertura levada a efeito, quando do período do Ministro Ciro Gomes, foi absurda, pois reduziu as alíquotas de 13.000 produtos SEM

QUALQUER CONTRAPARTIDA DE OUTRAS NAÇÕES, vivendo, hoje, o país, problemas junto a OMC por conta daquele momento.

É inútil dizer, como foi destacado pelo diretor-geral da política tributária do FMI, Vito Tanzi --há uma lei econômica com seu nome--, que a carga tributária média dos países emergentes é de 20% sobre o PIB e que a do Brasil termina por lhe tirar competitividade em face de tais nações, por estar acima de 31%.

É inútil dizer que os sete países mais ricos do mundo se reúnem anualmente para decidir sobre a economia mundial, sem permitir a participação de nenhuma outra nação, formulando as diretrizes do que é bom ou mau para o mundo, à luz de sua peculiar visão, mas que nos demais organismos de que participam, não permitem que seja contestada sua política, defendendo a competitividade internacional, que lhes beneficia, apesar de praticarem um protecionismo sofisticado, como as sobretaxas americanas e os controles de qualidade dos japoneses. É inútil dizer que estes mesmos países praticaram o protecionismo aberto, depois do "Tokyo Round" em 1979 e do 2º choque do petróleo. Com tal espécie de comando da economia mundial formulada pelo "grupo dos sete", não é difícil perceber que é ele o maior usufrutuário da globalização econômica.

É inútil dizer, que os países que compreenderam que a única forma de combater a superioridade tecnológica e de capital das superpotências é a redução brutal dos seus custos operacionais, são aqueles que começam a ganhar mercados, como a China e os tigres asiáticos, a um preço social elevado.

É inútil dizer que o nível de importações a que o Brasil chegou, gerando o maior "deficit" comercial de sua história, é criador de empregos fora do país e de desemprego aqui dentro, pois a comercialização de produto importado tira empregos da indústria nacional, na proporção de quatro para cada um gerado.

É inútil dizer que, neste quadro, o Governo brasileiro apenas aumentou o "Custo Brasil", subindo, no Plano Real, a carga tributária de 27 para 31%, para sustentar sua máquina administrativa esclerosada e aquela das entidades federativas e tirando competitividade das empresas brasileiras.

É inútil dizer que cada vez que a carga tributária interna é elevada, mais empregos são gerados fora e maior o desemprego no país, pois mais cresce o "Custo Brasil".

É inútil dizer que as reformas tributárias e previdenciárias apenas objetivam aumentar ainda mais a carga fiscal nacional, o que vale dizer, o peso mastodôntico do Estado sobre a sociedade.

Ora, neste quadro de realidades óbvias --em que os Governos federativos, que já bateram recordes de receitas neste ano (mais de 200 bilhões de dólares), retiram competitividade dos produtos brasileiros-- a União lança a CPMF, o mais retrógrado, o mais ilógico, o mais irracional, o mais descompassador tributo, rejeitado em todos os países, cuja adoção virá, mais uma vez, a beneficiar os produtos importados e prejudicar a indústria nacional.

Sendo mais um tributo cumulativo a onerar a produção nacional, funcionará como verdadeiro estímulo à importação.

Qualquer indústria sediada no Brasil, no conjunto das operações que pratica, deverá pagar muitas vezes o tributo cumulativo, enquanto o mesmo produto recebido de fora o pagará tão somente uma ou duas vezes. Assim o produto estrangeiro ficará mais barato e o nacional mais caro, com o governo brasileiro gerando empregos no estrangeiro e, perversamente, retirando empregos de brasileiros.

Ives Gandra da Silva Martins

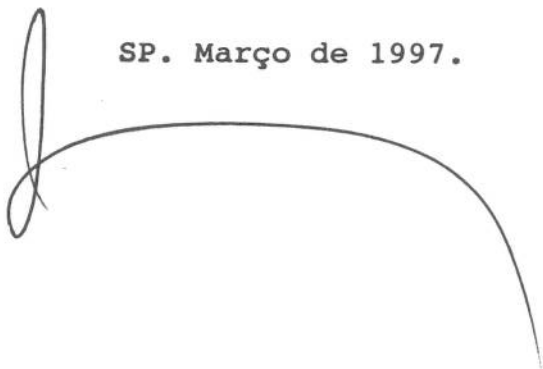
A CPMF é tributo, que gera o "protecionismo às avessas", por excelência, sendo imposição ideal para todos os outros países que exportam para o Brasil e prejudicial a todos os brasileiros.

É inútil dizer tudo isto, porque o Governo tudo isto já sabe, de vez que alertado por economistas, juristas, políticos e por toda a sociedade.

Alterou, o Governo, célebre ditado, dizendo: "Matheus, primeiro os outros".

Se eu entendesse de operações cardíacas tanto quanto o pai da CPMF, Adib Jatene, entende de tributação, e se, mesmo assim, me dispusesse a realizá-las, todos os meus pacientes morreriam na mesa de operações.

SP. Março de 1997.



IGSM/mao
Acpmf